

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO.

CONTO DE FADAS OU REALIDADE ? um estudo de História do Brasil na
5a série.

MARCIA ORIANA FIGUEIREDO
JACINTA DE CASSIA COSTA

CAJAZEIRO, PB
1995.

JACINTA DE CASSIA COSTA
MARCIA ORIANA DE FIGUEIREDO

CONTO DE FADAS OU REALIDADE ? um Estudo de História do Brasil na
5a série.

Trabalho apresentado ao
Departamento de Educação do
Centro de Formação de
professores. V campus da
Universidade Federal da Paraíba,
como exigência para conclusão da
Licenciatura Plena em Pedagogia.
Habilitação em Supervisão.

Orientadora : Marilene Dantas Vigolvinho.

Cajazeiras, PB
1995.

A todas as pessoas que nos
incentivaram ou contribuíram para a
realização deste trabalho, sem
distinção entre a menor ou maior
parcela de participação, DEDICAMOS.

A Marilene Dantas Vigolvino e Idelsuite de Souza Lima, por terem colocado em nossas mãos as ferramentas necessárias para abrir nossos horizontes rumo à satisfação dos nossos ideais profissionais e humanos. AGRADECEMOS.

HOMENAGEM ESPECIAL

Meus pais e irmãos;
Minha filha Ilka Joanne;
Meu marido Ricardo Aldo;
Minha amiga Márcia Oriana;
(Jacinta)

Meus pais e irmãos;
A Márcio Glaidson;
A Minha sobrinha Hanna.
(Márcia)

A letra da canção abaixo, reflete a questão das diferenças sociais provenientes de uma sociedade estruturada nos moldes capitalistas, o que retrata uma realidade comum ao povo brasileiro. Brasil, mostra tua cara.

Cazuza,

"Não me convidaram,
Pra esta festa pobre,
Que os homens armaram pra me convencer,
Pra pagar sem ver,
Por toda esta droga,
Que já vem malhada antes de eu nascer,

Não me ofereceram nem um cigarro,
Fiquei na porta estacionando os carros,
Não me elegeram chefe de nada,
E o meu cartão de crédito é uma navalha,

Brasil
Mostra a tua cara,
Quero ver quem paga pra gente ficar assim,
Brasil
Qual é teu negócio, o nome do teu sócio
confie em mim.

SUMARIO

01. Apresentação.....	07
02. Justtificativa.....	09
03. Objetivos.....	20
04. Metodologia.....	21
05. Estudo de Campo.....	24
06. Considerações Finais.....	29
07. Referências Bibliográficas.....	31
08. Anexos.....	32

I - Apresentação (está na metodologia)

O presente trabalho tem como temática CONTO DE FADAS OU REALIDADE ? um estudo de História do Brasil na 5a série, objetivando-se na concretização de observações da prática docente do Ensino de História, bem como conhecer a realidade escolar desta prática.

Para realizarmos tal feito, tornou-se necessário andarmos por dois caminhos: o primeiro ainda na universidade, o qual foi dedicado a leituras, que ampliaram nossos conhecimentos sobre a temática, ao tempo em que subsidiaram a segunda fase do trabalho. o estudo de campo.

Sendo assim, o estudo teórico norteou-se em três pontos que acreditamos serem de total importância para compreensão da temática em questão. Os referidos pontos são os seguintes: a sociedade capitalista os AIE'S (Aparelhos Ideológicos do Estado), e os ARE'S (Aparelhos Repressivos do Estado); a escola e sua função enquanto AIE ; e para finalizar estudamos com afinco o conhecimento histórico no Brasil.

No entanto, a questão norteadora do nosso trabalho é o Ensino de História do Brasil, dentro das visões :tradicional e renovadora.

A literatura por nós consultada, ressalta uma gama de autores envolvidos nas problemáticas que o trabalho sugere, sendo eles : ALTHUSSER, ARROYO, CAMARGO, CHARLOT, FARIA, FONSECA, FREITAG, MIZUKAMI, MOLINA, NADAI, PIZARRO e VALE.

A preferência por esta disciplina vem da nossa admiração pela História brasileira, um dos fatores fundamentais para compreendermos os conflitos atuais e lutarmos por uma sociedade verdadeiramente democrática.

II - Justificativa

? *chubs indenias*

A sociedade brasileira retrata em seu interior as contradições do sistema capitalista, onde reina a desigualdade social, a discriminação e a submissão. Tais fatores são assegurados nesse tipo de sociedade pelos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE'S) para garantir este estado de coisas.

Os ARE'S compreendem o governo, a administração o exército, a polícia, os tribunais, as prisões. Este tem por função, garantir a supremacia do modelo capitalista, e pelas relações de produção e exploração da força de trabalho, submetida ao processo de exploração da mais valia.

Compõe os Aparelhos Ideológicos do Estado a igreja, as escolas públicas e privadas, a família, o setor judiciário, político, sindical e a imprensa que, de modo geral asseguram o poder econômico e político à classe burguesa através da ideologia, inculcando valores e ideais que favoreçam esse poder. Esses aparelhos apesar de distintos, funcionam de forma unificada, com os mesmos propósitos já que a classe dominante tem o poder do Estado que dispõe dos ARE'S e conseqüentemente dos AIE'S como afirma ALTHUSSER (1985) :

"nenhuma classe pode de forma duradoura deter o poder do Estado sem exercer ao mesmo tempo sua hegemonia sobre e nos AIE'S" (p.71).

A escola e a família são um dos principais AIE's, pois é no seu interior que se dá a formação do homem.

Agora, nos deteremos nos estudos da escola como aparelho ideológico por ser este o nosso principal objeto de estudo.

A escola assume postura de reprodutora dos privilégios sociais da classe hegemônica. Segundo ANA FARIA (1994):

"A educação na sociedade capitalista tem a escola como um dos instrumentos de sua dominação, cujo papel é de reproduzir a sociedade burguesa, através da inculcação da sua ideologia e do conhecimento que permite a hierarquia na produção e que garante maior controle no processo pela classe dominante " (p.08).

Contudo, essa não é a única função da escola, haja vista que ela pode também despertar nos educandos uma tomada de posição na medida em que poderá ensejar uma contra ideologia que venha atender as necessidades da classe popular.

Neste sentido, a escola poderá assumir duas funções opostas: uma em que busca a transformação social, lutando por uma sociedade mais justa, pois procura orientar o homem para ser livre, consciente, crítico, criativo e reflexivo. Nesse caso, a escola torna-se-a um palco de lutas em busca da igualdade, como afirma : SAVIANI apud EVANGELISTA (s.d.):

"enquanto o dominado não dominar aquilo que o dominador domina não conseguirá sair do seu estado de dominação"

Contraopondo-se a esta função, a outra caracteriza-se por ser transmissora da ideologia dominante e reproduzir as qualidades da sociedade capitalista, inculcando valores que forma uma consciência ingênua, tornando o homem um ser alienado socialmente e/ou defensor de interesses que o exploram.

Essa função vem fortalecer a sociedade dividida em classes, tão bem veiculada na escola, por exemplo, pela forma como são trabalhados os conteúdos, que em última instância, acabariam contribuindo para que a escola se torne um agente reprodutor do sistema capitalista de produção.

É interessante ressaltar o papel relevante que assume o livro didático nesse processo. A ideologia nele contida de modo geral, serve para consolidar a hegemonia da classe burguesa e com ela as relações de produção.

O livro didático no Brasil, é em sua maioria de má qualidade, pois busca atender os interesses que a burguesia almeja, como diz FREITAG (1993):

"fabrica-se um livro via de regras medíocre, de baixo custo e de má qualidade para professores incapazes de avaliar a sua qualidade, crianças carentes (recurso) e culturalmente desprivilegiados para impedir que os consumidores se dêem conta das contradições materiais em que vivem, e as relações de produção prevaleçam na sociedade de consumo. (p.).

Para combater essa ideologia, mister se faz que o professor possa exercer na escola uma função inovadora, que tenha uma boa formação profissional, uma reciclagem permanente e vastos conhecimentos sobre o livro didático, além do engajamento político na luta por uma sociedade mais justa. Para tanto, é necessário que a escola possa incentivar e dispor de educadores engajados, comprometidos de forma que possam contribuir para mudar a realidade da escola e da sociedade. Neste caso teríamos a escola como um veículo para fomentação de concepções e atitudes em defesa da classe dominada.

Sabemos que nas nossas escolas, sobretudo, nas públicas, essas condições inexistem. Apenas uma parcela dos profissionais, ou melhor, a maioria deles, ainda não conseguiu atentar para o caos que se encontra a nossa educação. Este fato está aliado a sua prática distanciada dessa realidade e acaba por ser reflexo de valores que via de regras não são seus. São frutos de uma conjuntura que em última instância, acabam determinando esse ou aquele tipo de comportamento. Não estamos querendo com isso justificar esse tipo de atitude. Estamos apenas tentando discutir essa situação até para compreender porque certas circunstâncias encaminham o professor a utilizar o livro didático de forma inocente ou indiferente e a aceitar as orientações didáticas/ pedagógicas impostas pelas editoras dando ao professor respostas prontas (muito vezes erradas), a se acomodarem frente a ausência de livros para pesquisa e as estratégias de Marketing, que mascaram o conteúdo dominante de livro etc...

Diante de tais afirmações o que queremos realmente esclarecer ou até mesmo questionar é se o livro é meramente inútil e deve ser jogado fora, ou se o problema está em como ele é utilizado?

É certo que se o professor assume uma postura crítica e acredita na capacidade de análise do aluno, buscando situações em que ambos possam compreender a validade, a importância e as temáticas contidas no livro didático, ficará evidente a significância desse recurso.

Nesse sentido, fica mais difícil exterminá-lo ou jogá-lo fora, como acreditam ser esta a solução para o livro didático, defendida por algumas pessoas. Esta é uma atitude casuista e simplista; e estes não estão dando a importância que a problemática carece.

Feitas essas considerações de cunho geral passaremos ao aprofundamento (na questão) teórico-metodológica do ensino de História do Brasil nas escolas dando ênfase ao papel do livro didático nesse processo.

No Brasil, a História foi introduzida como currículo a partir da 6ª série e surgiu sob a influência do pensamento francês no bojo do movimento regencial após a independência de 1822.

Assim, a História inicialmente estudada no país foi a da Europa Ocidental, considerada como a verdadeira História a civilização.

Ao longo de sua trajetória esta distância passou a ganhar espaço nos currículos em todas as escolas secundárias e primárias da nação. No entanto, nada ocorreu de revolucionário, no que diz respeito a questão teórico-metodológica.

No início deste século esta disciplina aparece com a finalidade de introduzir certos conhecimentos sobre heróis, datas e acontecimentos importantes, o que não tem sido tão diferente do ensino nos dias atuais. Afinal quem não lembra das grandes listas datas e vultos que nos eram impostos a decorá-los e das chamadas História dos heróis sempre tão corretos !!!

Para analisarmos o conhecimento histórico no Brasil, necessário se faz levarmos em consideração dois aspectos fundamentais: o contexto histórico (conjuntura sócio, econômica, política, cultural e ideológica do país) e o historiográfico (estágio de desenvolvimento conceitual teórico-metodológico apresentados pelas ciências sociais).

Neste enfoque, a historiografia brasileira encontra-se marcada por três linhas tendenciais responsáveis pelas abordagens tradicional e renovadora do Ensino de História do Brasil.

A primeira tendência apresentada é a romântica-elogiativa e está vinculada ao romantismo da época, destacando as riquezas das terras brasileiras e os seus "grandes homens" teve como representantes os intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) criado em 1839 com objetivo de reelaborar as base da nação e reativar o pensamento patriota, dentro de uma concepção ufanista e apologético da História.

A tendência fatural-descritiva vem logo depois, tendo como características marcantes o abandono das grandes interpretações românticas seguindo para um estudo puramente factual dos acontecimentos. Sobre a influência do positivismo e cientificismo. Acabou por ressaltar nomes representativos para a historiografia como: Francisco Varnhagem (1816 - 1878) e Capistrano de Abreu (1862 - 1927) que contribuíram com seus estudos científicos.

Em terceiro vem a tendência teórico-analítica como resultado dos estudos históricos ocorridos aqui no Brasil na década de 20 deste século, no bojo dos movimentos sociais e das transformações ocorridas no país. Tem base no materialismo histórico de Marx e Engels e na "Escola dos Anais" onde é notável a necessidade de se produzir uma História interpretativa e analítica relacionando presente passado e vice-versa.

Vinculada a esta tendência, causadora da renovação do pensamento histórico no Brasil, surge uma gama de historiadores como: Caio Prado Junior, Nelson Werneck Sodré, Sergio Buarque de Hollanda e Gilberto Freire.

Podemos indentificar no nosso sistema escolar dois tipos de ensino de História completamente antagônicos de acordo com a postura e concepção adotados pelo professor.

Um deles é o tradicional, muito conhecido e difundido em nossas escolas, apoiado nas tendências românticas elogiativa e factual - descritiva,consequentemente de seus pressupostos. O outro é o que se pode chamar de "ensino renovador", encontrando - se ainda a nível de proposta por parte de alguns educadores que buscam ensinar a História a partir de um novo enfoque. Essa abordagem renovadora do ensino procura libertar nossa historiografia do peso que as tendências românticas - elogiativas e factual - descritiva exerce sobre ela.

O ensino tradicional está baseado num ensino antigo e ultrapassado. Cabe ao professor o papel de transmissor e ao aluno de assimilador do conteúdo de forma passiva e acrítica,tornando-se conformista e alienado. Seu conteúdo restringe-se a estudos biográficos de heróis e datas, Este estudo visa a formação da consciência patriótica, transmitindo aos alunos o relato cronológico dos acontecimentos sem nenhuma perspectiva crítica, dando-lhes uma visão parcial dos resultados desse processo, como afirma INEZ (1985):

"atribuído ao povo o papel de sujeitos passivos da História, submetidos ao arbítrio dos grandes homens, e ocultando os inúmeros movimentos sociais que irromperam periodicamente em nosso país nos quais coube às classes populares uma participação decisiva. O "ensino tradicional" contribui para reforçar a ordem política-social vigente" (p. 27).

Sinteticamente tal ensino está calcado em três procedimentos básicos:

1. Supervalorização dos livros didáticos e dos professores como donos e depositários únicos do saber e do poder portanto, inquestionáveis;

2. Repressão da criatividade e iniciativa dos alunos;

3. Negação dos conhecimentos prévios dos alunos vistos como aqueles que não sabem o que devem aprender escutando e prestando atenção aos professores;

Essa História vista como o estudo de coisas velhas, antigas, dos mortos importantes e de acontecimentos monótonos, gera nos alunos uma atitude de contemplanção do mundo, ao invés de estimulá-lo desenvolvendo sua criatividade, seu raciocínio e sua consciência crítica. Dessa forma esta disciplina torna-se enfadonha, não havendo uma relação entre presente-passado, porque para alguns historiadores, os mortos ainda continuam tangendo o rebanho dos vivos.

Igualmente ao ensino, os livros didáticos de História, apresentam-se na maioria das vezes desvinculados da realidade do ensino do aluno. Seus conteúdos não levam em conta as desigualdade sociais e as diferenças regionais, não levam os alunos a adquirirem habilidade de conscientização, reflexão, questionamento dos problemas sociais. Esse instrumento sem dúvida contribui para a continuidade do ensino tradicional, da consciência ingênua e perpetuação dos moldes de produção. Os conteúdos dos livros didáticos são excessivamente resumidos, de modo a dificultar a compreensão dos alunos que aprendem um amontoado de fatos ininteligíveis ou simplesmente apresentam explicações em grande quantidade, de forma simplista que caracteriza-se por dar uma abordagem descritiva e factual. Enfim, tem como ponto relevante justificar as formas de dominação existentes, de modo a garantir a sua continuidade.

O conteúdo reproduzido pelo livro didático é difundido além das escolas, nas famílias e nos meios de comunicação, AIE'S de forma sutil, através de mito e versões por estes criados, por exemplo de negar o caráter violento do processo de conquista e colonização do Brasil, de conceber os índios e negros como inferiores, sem cultura, de modo a justificar sua exploração, de enaltecer o brasileiro como cordial, religioso, pacífico, hospitaleiro e generoso como denuncia NADAI (92/93):

" nação marcada pela humildade, constituída por povo solidário, amante da paz e por isso, abençoado pelo Senhor, "Deus é brasileiro" povo pacífico e ordeiro, amante do samba e das mulatas" (p.150).

Assim, incultando esses valores, torna o povo brasileiro conformista, aceitando todas mudanças falaciosas,

pacotes econômicos, roubalheiras e falcatruas de forma pacífica. A História contada dessa forma oculta o verdadeiro interesse da classe dominante. Esse são alguns dos mitos que vigoram em nossa história e que devem ser desmistificados.

Os equívocos deste ensino tradicional podem ser trabalhados através do ensino renovador, com base sólida e real pois ele parte de uma visão da História enquanto processo social, estruturado na produção e superação das contradições sociais existentes.

Nesta concepção todos os homens, são sujeitos da História, e sua atuação é influenciada pela posição que ocupam no processo de produção de seus meios de sobrevivência. Exterminando assim, a importância dada aos grandes heróis da nossa História, como únicos responsáveis pela construção da mesma.

O ensino renovador articula-se na perspectiva teórico-analítica e procura correlacionar os fatos históricos, buscando as suas manifestações nos diferentes níveis da realidade (dominantes x dominados) com ênfase nos aspectos estruturais do processo social brasileiro privilegiando as determinações econômicas.

Esta visão de ensino procura fazer do aluno um sujeito no processo ensino-aprendizagem, oportunizando-o a conscientizar-se sobre a importância do ensino da História para o entendimento e compreensão do presente.

Quanto ao professor deve atuar como animador e orientador de aprendizagem, colocando o aluno como centro da ação educativa, estimulando-o a pensar e a estudar de forma a orientá-lo na aplicação dos conhecimentos adquiridos.

Neste sentido é significativa a afirmação de PAULO MICELLE () quando diz que:

"parece ser necessário ter coragem de jogar no lixo a comodidade emburecedora de anotações amarelecidas, repetidas dia após dia, classe após classe, ano após ano. É necessário ter coragem de transformar em cinzas ou adubos, pilhas e pilhas de livros didáticos, lidos e relidos sem tesão de qualquer tipo. É necessário ter coragem de superar e ignorar problemas oficiais, burlar vigilâncias criar coragem de lutar de todas as formas para que, na voz de seus profissionais, a História ganhe respeito e importância, mesmo quando isso pareça impossível " (p.41).

Mas é importante ressaltar, como atenção PIZARRO e MADER que nesta perspectiva renovadora, há alguns aspectos que precisam ser questionados, como o grau de abstração ou especulação teórica, a linguagem difícil, muito científica, a interpretação meramente econômica dos fatos, o descuido em relação ao referencial factual, a visão dicotômica, simplista da História.

Diante dos problemas levantados pela literatura consultada para realização deste trabalho faz jus a nossa preocupação com o Ensino de História do Brasil e, conseqüentemente, com a postura do educador na utilização do livro didático. Por isso, nos propomos a melhorar nossos conhecimentos em História do Brasil, buscando compreender nossas origens, os conflitos e avanços sociais por nós vividos, mas principalmente, buscando conhecer como é aplicado na prática o Ensino de História do Brasil.

Portanto, para que possamos entender melhor o processo social vigente e contribuir para a melhoria desde ensino faremos uma busca, no intuito de desvendar um conto de fadas ou não.

III - Objetivos

3.1. Observar a prática docente do professor (A) de História do Brasil de uma escola pública de 1o grau de rede de ensino (estadual), na cidade de Icó-CE, enfocando o conteúdo e metodologia por ele utilizado;

3.2. Realizar estudo e discussões com o professor de História do Brasil na 5a série, tentando relacionar o estudo teórico que realizamos sobre o tema em questão e a prática do ensino da referida escola

IV - Metodologia: *(deixa vir antes de tudo)*

O trabalho que ora apresentamos intitula-se um "Contos de Fadas ou Realidade? um estudo de História do Brasil na 5a série de 1o grau". foi desenvolvido na rede pública de ensino estadual na cidade de Icó - Ce, no período de abril à julho do corrente ano, tendo como objetivo conhecer o modo como é ministrado o ensino de História do Brasil.

Sabemos que todo trabalho carece de orientação metodológica para delinear caminhos a serem percorridos em busca de objetivos almejados. Assim sendo, tentaremos descrever como a nossa proposta foi metodologicamente desenvolvida.

O estudo em questão foi dividido em duas fases: a primeira constituiu-se num aprofundamento teórico acerca do ensino de História do Brasil, abordando origens e métodos de ensino, linha tendenciais, conteúdos trabalhados no decorrer deste século até os dias atuais.

Este estudo foi sistematizado e apresentado sob a forma de seminário para nossa turma e professores nos dias 05,06 e 07 de junho.

Durante este estudo elaboramos também a ficha roteiro que subsidiou as observações em sala e diálogos com a professora.

No início do mês de abril, iniciamos nosso trabalho na escola. Lá chegando apresentamos a nossa proposta a direção e a mestre que leciona História. Foi nesse momento que percebemos a distância existente entre esta escola e o nosso estudo, pois sentimos que não houve receptividade, ou melhor, a aceitação da proposta foi passiva e descompromissada. Isto dificultou de certo modo a realização da proposta satisfatoriamente.

Ainda nesta fase, coletamos alguns dados da instituição no que se refere a seus aspectos físicos e funcionais: uns mais diretamente ligados a 5a série, tendo em vista ser esta onde faríamos as observações sobre o Ensino de História do Brasil envolvendo a escola como um todo, os quais descrevemos a seguir.

ASPECTO GERAIS

Total de alunos da escola	No de professores	Turnos	Turmas	Planej. escolar	material didatico Disp.	No de aulas semanais
1.110 (Matriculados)	05	Manha	alfabetizacao 1a e 4a serie ;	Annual	Giz, Quadro	12
	04	Tarde	5a a 8a serie pelo tele ensino	"	- Video - Manuais - T.V.	
	09	Noite	5a a 8a serie	"	Giz Quadro	

ASPECTOS ESPECIFICOS.

Serie	Turno	No de prof. de Historia do Brasil	Turmas	No de alunos matriculados	No de alunos que frequentam	No de aulas semanais	formacao academica do profe.
5a	Noite	01	5a D	34	24	02	licenciatura curta em
			5a E	35	21	02	Ciencias e
			5a F	38	18	02	concluindo a plena

Ainda na terceira semana de abril, conversamos informalmente com a professora de História, na tentativa de conhecermos o seu trabalho, ou seja, a sua proposta de curso, seu planejamento, os seus planos de aulas, seus apontamentos e exercícios. Enfim, tudo que ela pudesse nos mostrar, desde o material pedagógico até o livro didático adotado. Por falar em livro didático, ela adota o de Maria Luiza e Milton, História do Brasil do Descobrimento a Independência/89.

Tivemos como etapa posterior ao estudo teórico, o trabalho de campo, que data da quarta semana de junho a primeira semana de julho. Aqui realizamos as observações da prática do Ensino de História do Brasil e ainda conversas com a professora.

Foram observadas um total de dez (10) aulas, nas três turmas de 5ª série (D.E.F), no período noturno, horário onde não funciona o sistema TELE-ENSINO.

Concluídas as observações e o estudo com a professora passamos a avaliar tudo o que tivemos oportunidade de conhecer e registrar, cuja descrição faremos no item seguinte.

V - Estudo de Campo.

"A burguesia não tem um projeto de educação para todos. Como diz Marx, isso de educação popular (para todos) a cargo do Estado é inadmissível. E preciso não esquecer que a burguesia ao chegar ao poder retirou da igreja o encargo da instrução pública para através dela, legitimar sua visão de mundo. Essa educação só é popular apenas no que concerne a disciplinação (objetivo da escola burguesa) das classes populares para terem uma fé servil na classe dirigente do estado e, assim assimilarem sua ideologia e torná-lo massa de manobra, a serviço da acumulação capitalista. Só uma educação socialista pode ser verdadeiramente democrática, isto é, universal GADOTTI APUD VALE / 92p.51)".

Calculadas neste pensamento passmos a refletir o ensino de História do Brasil no âmbito de uma escola pública estadual durante as nossas observações.

Procuramos aqui relatar a dicotomia observada entre o ensino de História do Brasil ideal e o real, considerando suas limitações e as perspectivas de mudanças. À nosso ver, estas mudanças só ocorreriam se fosse reavaliado o modo de se pensar a História, ou seja, se fosse realizada uma renovação do pensamento histórico, envolvendo todos os elementos da escola, dando-lhes oportunidade para que estes encontrem-se conscientes do papel de agentes históricos.

Durante as observações feitas em sala de aula parece-nos possível dizer que a professora desta disciplina, encontra-se tendencialmente apoiada na linha factual-descritiva, muito embora algumas vezes, percebemos o enaltecimento de personalidades políticas da classe dirigente do estado, citado como agentes únicos da História, traços característicos da linha romântica-elogiativa.

Sendo assim, os princípios que regem sua docência fundamentam-se em pressupostos de que é fundamental memorizar datas, fatos históricos, personalidades, bem como a utilização de técnicas ultrapassadas como: questionários (prontos e acabados) anotações no quadro (retiradas do livro didático), e provas, as quais não favorecem a participação do aluno. Esta situação acaba estabelecendo uma relação autoritária, baseada pelo poder arbitrário, onde o professor é quem sabe, por isso ensina o "que" e "como" quer.

Desse modo, fica explícita a presença ainda que antiga, daquela História linear, em que são escomoteadas as diferenças sociais, os preconceitos raciais e étnicos, o desrespeito as culturas indígena e negra, e a negação da participação popular na construção da História.

Dentro dessa concepção de ensino, essa prática acaba por reproduzir os mitos e versões criadas pelas classe dominante, incultando nos alunos a idéia de que somente a elite é capaz de mudar os rumos da História. Este é um procedimento que certamente possibilitará os alunos a trilharem pelo caminho da servidão política e da passividade, porque este ensino desenvolvido nos moldes autoritários e apoiado numa falsa concepção de que o professor é o dono do saber, reproduz ainda mais a relação de autoritarismo entre professor e aluno. Diz o adágio popular que " só utiliza o autoritarismo, quem perde a autoridade".

Se não fosse dado tanto incentivo ao silêncio, ou seja, se o professor cultivasse o diálogo e fizesse sempre uma ponte entre a História dos livros, dos filmes, com a História do cotidiano dando espaço a comparações, a questionamentos, possivelmente o aluno se veria como sujeito e não como objeto desta História. Com certeza as monótonas cópias de grandes listas históricas (acontecimentos, datas, personalidades) proposta pelo professor e certos comportamentos dos alunos, como por exemplo, aversão a disciplina, falta de envolvimento e integração de grupos, ausência de questionamentos, dentre outros, acabariam e o resultado da aprendizagem seria qualitativo e muito melhor.

Com relação ao livro didático utilizado pela professora, verificamos que apresenta a História numa perspectiva analítica, porém um tanto confusa. Nele os fatos estão cronologicamente registrados e simultaneamente analisados, embora esta análise seja superficial. Por isso, nos convencemos de que esta apresenta características das linhas factual-descritiva e da teórico-analítica.

Este livro que sofre as influências das linhas tendenciais supracitadas, põe-nos a refletir sobre o seu papel enquanto instrumento didático neste ensino, pela forma como é utilizado pelo professor e que não favorece uma aprendizagem a nível, em termos de qualidade.

Mas também pensamos, se paritimos da ótica em que devem ser reproduzidas as idéias dominantes (burguesas) faz juz a forma como vem sendo utilizado este, como apenas uma única fonte de pesquisa, como receita, pronta e acabada, sem levantar questão, sem participação alguma do aluno. Isto por si só já revela a sua inocuidade no processo de ensino aprendizagem.

Diante do quadro complexo em que se encontra esta realidade escolar e aliás do sistema escolar brasileiro, professores e alunos procuram culpados para este caos. Vejamos alguns depoimentos :

"Esta escola está uma negação ". (ALUNO)

"O interesse do aluno é que está uma negação".(PROFESSORA).

"Professora a senhora falta demais".(ALUNO)

" Vocês não estudam as anotações, por isso aprendem. (PROFESSORA).

"Agente estuda, mas não aprende". (ALUNO)

"Quando é dia de prova ou cobro a matéria, é uma dor de cabeça. (PROFESSORA.)

"Ave-Maria que matéria grande".(ALUNO).

Outra questão que nos chamou atenção o fato de por que alguma razão , a professora não tem paixão pelo trabalho que realiza. Entendemos ser pelo fato de que esta encontra-se responsável por várias turmas diferentes, não dispendo de tempo e salário para tal. Estes fatos sem dúvida estão contribuindo para acomodação que atinge o professor e que por sua vez reflete no aluno. Ambos não tomaram consciências dos seus papéis na História, na construção da escola e da sociedade que aspiram.

Em suma, depois de algumas conversas com a professora notamos um certo descompasso entre o seu discurso e sua prática por nós observada. Porém atribuímos tal fator a alguns aspectos relacionados as péssimas condições da escola de rede pública, como: sobrecarga de trabalho, a sua formação, a inexistência de recursos didáticos, carência de orientação / metodológica, etc. ANEXDII.

Existem limites enormes no setor público e temos consciência disso, mas acreditamos que existem possibilidades tanto políticas, quanto pedagógicas a serem assumidas para que ocorram mudanças como diz BEISIEGUEL APUD VALE (1992) :

"É possível fazer uma educação popular na escola pública, porém é claro que tem os seus limites. É preciso avançar com ação e muita sensibilidade para saber quais são os limites ". (p.66).

VI - Considerações Finais

" A tristeza é o que sentimos ao saber que a nossa realidade, a nossa capacidade de agir encontra-se diminuída ou entrvada (ESPINOSA Citado por CHAUI, 1982, p.56).

Este pensamento revela os nossos sentimentos com relação ao trabalho ora relatado.

Ao estudarmos o conhecimento Histórico no Brasil, abordando sua introdução em nossos currículos, suas linhas tendenciais, a perpetuação dos mitos através de versões criados ao longo do tempo e etc, nos enchemos de um sentimento que pode ser traduzido numa alegria em querer saber, em conhecer mais e mais, para podermos pensar a História e agir de forma consciente e coletiva.

Por outro lado, na segunda fase do trabalho, quando passamos a conhecer a dura realidade dessa escola pública e particularmente o ensino de História do Brasil, uma tristeza foi nos invadindo, que podemos produzir um sentimento de impossibilidade, de impotência por sabermos que pouco ou quase nada podemos fazer para melhorar esse quadro.

Todavia, tais fatores nos deram certeza de que é fundamental o papel do professor para que ocorram mudanças na educação escolar como um todo.

Estamos convencidos, apesar de tudo, que o sistema escolar brasileiro é capaz de funcionar dentro de uma concepção diferente desta que ora é vivenciada.

Acreditamos também que os nossos professores podem caminhar em outra direção, desde que sejam tocados pelo pensamento de renovação, de vontade para lutar por isso, devemos acreditar que somos agentes do processo histórico.

A partir do pensamento de Espinosa, passamos a refletir e formular certas questões como: Quem poderá modificar a História do Brasil? Sempre fora colocada nas mãos das elite esta História. Porque não tentarmos reconstruí-la de forma justa, igualitária, e solidária?

A trajetória que acabamos de percorrer levou-nos a muitos questionamento e reflexões. Mas sobretudo, deu-nos a possibilidade de pensarmos não em um conto, mas numa proposta que parte da pretensão de torná-se real, de forma que o ensino de História do Brasil sofra as conversões necessárias, ou seja, possa passar.

"do mutismo à fala, da imobilidade ao movimento, do silêncio ao barulho, do mecanismo à inventividade, da repetição à construção do conhecimento"(VALE, 1988).

Nessa perspectiva, a experiência por nós vivenciada, nos deu a capacidade de discutir juntamente com a professora de História, questões relevantes a este ensino. A partir daí, chegamos a conclusão de que é necessário o uso de novas técnicas de aprendizagem, e da indispensável relação docência e pesquisa, fundamental para que o aluno construa o seu conhecimento, dentro de uma visão crítica, analítica da sociedade que o cerca. Pois como dizia o cantor e compositor RAUL SEIXAS numa de suas canções:

"prefiro ser essa metamoforse ambulante,
do que ter aquela velha opinião formada
sobre tudo".

VII - Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis.
Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), tradução de
Walter José Evangelista de Maria Laura Viveiros de
Castrol; 2o ed Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- ARROYO, Miguel Gonzáles.
Pátria Amada, Igonorada. Brasília, (7) n, 37 Jan/Mar 1988.
- CAMARGO, Dulce Maria Pompéo de.
A criança, novos tempos, novos espaços: História e
Geografia na escola, Brasília (7) n. 37 Jan/Mar. 1988.
- CHALOT, Bernard.
A Mistificação Pedagógica: realidades sociais e processos
ideológicos na teoria da educação, 2a ed R. J. ZAHAR
editores, 1983.
- FARIA, Ana Lúcia G. de.
Ideologia no livro didático/ Ana Lúcia Faria, 11a ed. São
Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Questões da Nossa Época;
v.37).
- FONCECA, Selema Guimarães.
Caminhos da História Ensinada, São Paulo, Papiros, 1993.
- FREITAG, Bárbara, et alii.
O livro didático em questão. 2a ed, São Paulo, Cortez.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicolett.
Ensino: as aboragens do processo. São Paulo: EPU, 1986.
(temas básicos de educação e ensino).

Forma incerta.

MOLINA Olga.

Quem engana quem? Professor Livro Didático, 2a ed, Campinas SP Papiros,1988.

NADAI, Elza.

Memórias, História, Historiográfica: Dossiê Ensino de História Revista Brasileiro de História 25/26. AMPUA. Editores Marco.

PIZARRO Inês de Sant ' Anna e MADER, M.E.N.S.

O ensino da História do Brasil em questao. 8a ed. curso por correpondência de tecnologia educacional aplicada ao ensino de Estudo Sociais no 1o grau. Rio de Janeiro, ABT.1985.

STOCKLER, Maria Luiza Santiago e BARBOSA FILHO, Milton Benedicto

História do Brasil. Vol. 1. Do descobrimento à independência 2a ed. Editora : scipione, São Paulo. 1988.

ANEXO - I RELATO DE AULAS:**1o RELATO 13/06 95 5a série "D"**

Ao entramos na sala de aula a professora deu continuidade a matéria anterior que era "OS PRIMEIROS GOVERNADORES GERAIS", e avisou que na próxima aula faria exercício para prova.

Começou a copiar o conteúdo retirado do livro didático sem explicá-los.

Assim deu início a cópia da matéria retirada do capítulo 04 do livro "OS PRIMEIROS GOVERNOS".

Alguns alunos não copiaram, outros saíam da sala. Notamos ainda conversas e pequenas desavenças entre eles.

A professora continuou passivamente a copiar.

Ao terminar fez a chamada e saiu de sala.

2o RELATO 13/06/95 "5a série E"

Quando chegou na sala a professora fez a chamada e procurou saber quem eram os alunos desistentes, pois verificou um número elevado de faltas, mas apenas para registro.

Deu início a cópia do conteúdo "A DIVISÃO DO BRASIL EM CAPITANIAS", mas foi interrompida pelo diretor que subitamente surgiu com a programação da festa junina.

Houve barulho e conversas a respeito, mas não notamos empolgação por parte dos alunos.

Os alunos reclamaram pelo tamanho da anotação, outros por não ter a matéria copiada.

A professora finalizou a notação no quadro e saiu de sala.

3o RELATO 13/06/95 " 5a série F"

A professora entrou em sala, fez a chamada e avisou que iria cobrar a matéria para passar o visto nos cadernos.

Criou-se um tumulto entre os alunos, pelo fato de que a maioria não estavam com a matéria em dias.

No entanto, a professora passou o visto em alguns, chegaram a dizer: Não tenho e nem vou copiar.

Fim do horário e a professora se retirou.

4o RELATO 14/06/95 "5a série D"

Ao entrarmos em sala verificou-se que o relacionamento entre os alunos estava bastante tumultuoso. Ocorreram discussões. Com a chegada da professora nada mudou, o barulho continuou o mesmo.

A professora informou que este exercício era para prova e começou a copiá-lo no quadro (verificamos erros de ortografia e pontuação).

EXERCICIO:

- 1o- Através de que D. João começou a explorar o Brasil ?
- 2o- Qual foi o Primeiro sistema de governo da nossa terra ?
- 3o- Como foi dividido o Brasil? Por quem foi criado? Em que ano?
- 4o- A quem foi doadas as capitancias ?
- 5o- As capitancias obedeciam aos compromissos estabelecidos por qual documento ?
- 6o- Quais as capitancias que prosperaram ?
- 7o- Fale sobre a capitania de São Vicente ?
- 8o- Fale sobre a capitania de Pernambuco ?
- 9o- Para que foi criado o governo geral ?
- 10o- Qual a cidade que tornou-se a primeira capitania do Brasil?
Em que ano ?
- 11o- quem era o governador geral ?
- 12o- Quem era o provedor-mor ?
- 13o- De que era encarregado o capitão-mor da costa ?
- 14o- Cite os governadores-gerais que o Brasil teve de 1549 a 1527?

A professora exigiu o exercício feito em sala. Os alunos nem ligaram, outros falavam " Se eu terminar de copiar".

Percebemos que nenhum deles tinha o mínimo conhecimento sobre a matéria, chegando a pronunciar erroneamente palavras facéis como: CAPITANIA DE CAPITANIA, GERAL DE RURAL.

Os alunos rejeitaram o exercício e a professora continuou passiva. Marcou a prova sem nada explicar, sabendo que nenhum deles tinham aprendido a matéria.

E notável que esta professora acredita que a tarefa de ensinar resume-se em escrever matéria no quadro e marcar prova.

Não houve troca de opinião, nem o aluno teve direito de participar.

5o RELATO 16/06/95 " 5a série E"

Novamente a professora copiou uma enorme quantidade de matéria do livro, dando continuidade ao conteúdo: OS PRIMEIROS GOVERNANTES. Sem falar nada com os alunos, a não ser que estes eram obrigados a copiar, pois na próxima aula, iria cobrar o caderno para dar o visto e depois faria prova.

A relação professora e aluno se resume em reivindicação dos alunos por diminuição de matéria e passividade do professor.

Durante a relação alguns alunos falaram coisas do tipo:

COMENTARIO DOS ALUNOS:

"Professora já que vai marcar prova, faça um questionario pra gente estudar;

"Ave-Maria que matéria grande, Deus me livre;

questionário; "Estudar pela anotação é ruim, prefiro

"Eu estudo mais não aprendo;

A professora fez a chamada e falou:

"Vocês estudam aí estas anotações para prova"

6o RELATORI 20/06/95 5a série D

A professora chegou e informou que faria um trabalho já que os alunos não estudaram novamente a prova.

Antes de copiar o trabalho no quabro falou: Bem rápido assim que bater eu recolho"

Uma aluna para supresa de alguns, comentou que a qualidade do ensino estava uma negação. A professora respondeu:

"Em relação ao interesse do aluno também concordo. Por que quando se cobra matéria ou marca prova é uma dor de cabeça !!.

A seguir passou a copiar no quadro esse questionário:

- 1o Através de que D:João começou a explorar o Brasil?
- 2o Como foi dividido o Brasil?
- 3o A quem foi doadas as capitânicas?
- 4o Os donatários obedeciam aos compromissos estabelecidos por quais documentos?
- 5o Quais as Capitânicas que prosperaram?
- 6o Qual a cidade que tornou-se a primeira capital do Brasil?
- 7o O governo -geral para o seu trabalho contaria com quais auxiliares?
- 8o Quem era o provedor-mor?
- 9o De que era encarregado o ouvidor-mor?

A professora em meio ao exercício surteu que cada aluno avaliase o comportamento do outro colega e vice-versa. Alguns relacionaram uma boa nota ao silêncio, obediência e passividade.

Verificamos que tanto os alunos quanto a professora estavam querendo nos mostrar algo, ou seja, incomodados com nossa presença.

7o RELATO 20/06/95 " 5a série E"

A professora abriu um círculo e propôs que os alunos pegassem o exercício anterior, e que cada um lançasse uma pergunta para o número seguinte. Ela chamou de "Debate", essa correção do exercício.

Os alunos não conseguiram ler as perguntas e nem as respostas direito porque algumas palavras eram completamente desconhecidas para eles (Ex: intensificação, povoação, etc.).

O trabalho não é coordenado, os alunos entram e saem na hora das perguntas, e nem todos possuem o exercício.

A professora não verifica se as respostas estão corretas ou não, o que vale é responder.

Sendo assim o aluno que responder melhor e fizer boa pergunta terá nota melhor.

Não havendo mais perguntas, a professora fez a chamada e saiu de sala.

8o RELATO 20/06/95 " 5a série F "

A professora chegou a sala e informou que iria escrever no quadro a continuação da matéria " Os governos gerais" e com o livro na mão iniciou a cópia.

Os alunos reclamaram pelo tamanho da cópia. A maior parte dos alunos da sala ficou nos cantos da sala conversando. ao terminar de encher totalmente o quadro, a professora sentou sem dar explicação nenhuma, sem falar o porquê, o que e para que eles copiavam.

Houveram perguntas a professora, que não obtiveram respostas.

Do tipo: "Porque a senhora faltou na semana passada?"

"Quando terminar de copiar a senhora vai passar um exercício pra gente estudar?"

A professora exigiu o caderno para passar o visto, menos de 13 alunos desta turma de 38 alunos, haviam copiado a matéria. Um aluno defendeu-se dizendo:

"A senhora falta demais e quando chega pede logo prova."

Chamada e fim de horário.

9o RELATO: 29/06/95 . " 5a série F."

A professora chegou e avisou a turma para fazer um exercício. Começou a escrever-lo no quadro:

EXERCICIO

- 1o - O que é feitoria ?
- 2o - O que é escambo ?
- 3o - Porque após 1530 Portugal se interessou pela colonização do Brasil ?
- 4o - Fale sobre o pau Brasil ?
- 5o - Como foi realizado a exploração econômica do Brasil durante o período colonial?
- 6o - Qual o primeiro arrendatário das terras do Brasil?
- 7o - Quantas expedições foram enviadas no período pré-colonial ?
Porque ? Para que ? .

10o RELATO 30/06/95 " 5a série F "

A professora pediu-nos para ajudar a fiscalizar a prova. Disse: " Peguem uma folha, coloquem o nome e o número, rápido ", E começou a copiar no quadro as questões:

1o - Responda:

- a) Que se entende por Escambo?
- b) Defina feitoria:

2o - Marque a alternativa correta:

- a) Quem comandou a primeira expedição foi:
 - () Gaspa de Lemos
 - () Cristovão Jacques
 - () Fernão de Noronha

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PARAIBA-CAMPOS V-CAJAZEIRAS
CEP-CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.
ESTAGIO SUPERVISIONADO - PEDEGOGIA - ORIENTADORA :
MARLENE VIGOLVINO.

ANEXO II : FICHA ROTEIRO:

1o) COM RELAÇÃO AO PROFESSOR DE HISTORIA EM SEUS DIFERENTES ASPECTOS:

1.1 A importância que o professor atribui a disciplina.

1.2. Dificuldade que encontra para ensinar história.

1.3. A avaliação :

1.4. O interesse do professor pela história .

1.5. A formação do professor:

2o) COM RELAÇÃO AO PROGRAMA:

2.1. O professor é responsável pelo programa:

2.2. A programação e sua relação com o conteúdo do livro texto:

2.3. Correspondencia entre o programa ideal (o do plano) o real (aquele que é dado).

2.4. A escola exerce influência na programação :

3o) COM RELAÇÃO AO MATERIAL DE ENSINO:

3.1. Materiais que o professor utiliza em aulas, e sua finalidade:

3.2. A escolha do livro texto: professor e aluno:

3.3. As várias fontes de pesquisas utilizada pelo professor além do livro didático.

3.4. A contribuição do livro didático na processo de ensino-aprendizagem.

4o) COM RELAÇÃO AS TÉCNICAS UTILIZADAS PELO PROFESSOR:

4.1. As técnicas que são usualmente pelo professor:

4.2. Prática a interdisciplinaridade.

4.3. Os fundamentos teóricos das tecnica utilizadas:

5o) COM RELAÇÃO AO ALUNO:

5.1. O interesse dos alunos pelas atividades proposta pelo professor. Tam oportunidade de atividades diferentes?

5.2. O rendimento apresentado pelo aluno na disciplina em questão: